

ARTIGO

A CRÍTICA À RELIGIÃO COMO PRESSUPOSTO DA EFETIVA REALIZAÇÃO DO HOMEM EM FEUERBACH

Jorge Luís Carneiro Lopes

Bacharel em Filosofia pela UVA
jorge.lcl@hotmail.com

Resumo: Esta pesquisa pretende apresentar algumas reflexões de Ludwig Feuerbach no que se refere à concepção da religião como processo de cisão do homem, que parte da consideração da natureza humana como algo contraposto ao divino. Será exposta, sobretudo, uma análise da obra *A Essência do Cristianismo*, que nos apresenta uma investigação sobre a religião enquanto atividade inerente ao homem. É apresentada nessa obra a essência do homem como algo que se exterioriza na ideia de Deus, que não é possuidor de uma realidade objetiva – como pretende a religião — mas simplesmente a união de atributos humanos, ou melhor, a essência do homem projetada e contemplada fora de si. Esta análise construída por Feuerbach se apresenta como um olhar Antropológico, uma vez que o pensador toma por ponto de partida a investigação do próprio homem, encontrando, nas características definidoras da natureza humana (razão, vontade e coração), o segredo da religião, isto é, a sua verdadeira feição, a saber: que ela nada é senão a manifestação do que o ser humano tem de mais íntimo projetado numa imagem divina. Assim, a ideia de um Deus exterior ao homem é concebida como uma cisão da essência humana, enquanto considera-se dividido aquilo que na verdade é uno.

Palavras-chave: Feuerbach. Religião. Homem. Essência.

INTRODUÇÃO

Compreender o pensamento de Ludwig Feuerbach acerca da religião significa, acima de tudo, debruçar-se sobre a tarefa de refletir o que este filósofo entende por homem. Diante disto, este trabalho é apresentado como uma tentativa de abordar o principal aspecto da teoria deste autor no que se refere ao que poderíamos entender como uma ótica antropológica apresentada pelo mesmo na análise da religião, a saber, a identificação da essência humana com a divina e o processo de cisão causado no homem pela religião. Feuerbach defende que a religião é a relação do homem com o seu próprio

gênero, isto é, ao possuir Deus como um objeto, o homem tem as características genéricas (essenciais) sob uma forma divina.

Em Feuerbach, a imagem de Deus e a do homem coincidem e a religião é vista com uma relação inconsciente do homem consigo mesmo, que deve ser superada no reconhecimento do gênero, da própria essência humana. O homem deve considerar-se integral, concreto, não dependente de uma vontade divina. Deve o homem se relacionar harmoniosamente com a natureza, reconhecendo nela a verdadeira fonte de sua existência, sem a considerar com desdém como fazem a religião Cristã e a filosofia especulativa, quando concebem o homem como um produto espiritual, superior à sensibilidade.

Pretendemos, sobretudo, com a análise da obra *A Essência do Cristianismo* (1841), trilhar os caminhos do autor acompanhando-o desde os primeiros desenvolvimentos sobre a natureza humana, que se dá através de uma investigação feita por Feuerbach acerca da religião, ligando tal análise à proposta de conceber o homem enquanto ser de natureza tripla, formado essencialmente por entendimento (razão), coração (amor) e vontade (ação), sendo essas três dimensões integrantes do homem, o princípio e o fim da religião.

A partir daí, analisaremos a compreensão do autor de que qualquer representação religiosa nada é senão a própria essência do homem, que a constrói, que se objetiva e passa a ser representação fora de si, e a atividade religiosa nada mais é do que a contemplação dos caracteres propriamente humanos, que são, na contemplação de Deus como um ser exterior (isto é, dotado de uma personalidade específica, individual) a projeção daquilo que há de mais íntimo no homem, ou seja, a essência divina é um conjunto de distintos desdobramentos das atividades inerentes ao homem realizadas pelo entendimento, o coração e a vontade, e não algo individual e independente, como é o Deus (ou deuses) concebido(s) pelas religiões, especialmente pela religião cristã.

Feuerbach concebe a religião como a manifestação mais íntima da natureza humana, os atributos divinos são, na verdade, o cerne do próprio homem, que estão reunidos pela religião na imagem ilusória de um ser divino e exterior, sendo este ser externo e independente (Deus) o conjunto, por assim dizer, alienado, dos atributos que são humanos por excelência.

Assim, o autor caminha para a conclusão de que Deus, enquanto objeto religioso do homem, repleto de características antropomórficas, é a exteriorização do mesmo, a divinização de suas qualidades, a elevação de seus apanágios ao absoluto. Chegamos, dessa maneira, ao problema desta pesquisa: os motivos que levaram Feuerbach a entender que todo o âmbito da religião, é na verdade, uma dimensão exclusivamente humana, compreendendo que, enquanto ser religioso no sentido comum da palavra (isto é, adorador de um Deus a ele objetivo, externo), o homem tem a sua essência dividida, visto que se relaciona com um ser imaginário, que na verdade é constituído por ele próprio (homem).

O texto a seguir, portanto, é dividido em duas grandes partes: na primeira, apresenta-se mais especialmente os fatores citados acima, aqueles que permitem ao leitor uma compreensão, na teoria feuerbachiana, acerca do homem e de sua relação com a religião, uma identificação das imagens de Deus e do homem. Num primeiro momento será exposta a religião como uma relação do homem consigo mesmo, visto que o divino é, em verdade, o humano, não existindo um sujeito absoluto exterior e independente a esse homem.

Partindo daí, buscaremos, na segunda parte, apresentar a religião como instância que cinde o homem no seu âmag, impossibilitando-o conhecer verdadeiramente a si mesmo, uma vez que volta o olhar para um ser absoluto, imaterial e distinto em detrimento daquilo que é propriamente humano. Chega a ser necessária, portanto, uma reconsideração da essência de Deus, ou melhor, do homem (vista de maneira mais efetiva e bem formulada na religião cristã, onde as imagens de Deus e do homem se aproximam de forma melhor elaborada), para que possa haver então uma efetiva realização do homem enquanto tal.

DA ESSÊNCIA DO HOMEM À ESSÊNCIA DA RELIGIÃO: O DIVINO NO HUMANO

A Essência do Cristianismo (1841), de Ludwig Feuerbach, constitui uma tentativa de reformular ou reconsiderar a teologia (enquanto teoria ou especulação a respeito do ser divino, absoluto, criador e regente de tudo) no seguinte aspecto: reconhecer que a natureza divina é na verdade humana. Para desenvolver essa tentativa de modo a apresentar argumentos capazes de fazê-lo sem cair em concepções

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 106-128
--------------	-------	------	-----------------------	------------

metafísicas, o filósofo volta seu olhar para as atividades da consciência existentes no ser humano, considerando estas, consequências de uma existência mundana, sensível, não existindo nos desenvolvimentos dessa obra uma divisão entre duas realidades distintas na formação do indivíduo, ou seja, sem estar presente a ideia de um homem dividido entre duas dimensões, mas unificado e efetivado por meio de suas ações no mundo sem recorrer a uma realidade suprasensível para tal.

O homem é concebido por Feuerbach como um ser que está inerentemente ligado à natureza, que é determinado pela necessidade, pela matéria. Ele deve a própria existência à natureza, da qual é uma “extensão” e sem a qual não haveria realidade alguma. A sensibilidade é algo que não pode ser esquecido ou tratado de maneira secundária, visto que é a própria natureza do homem – este é um aspecto fundamental da obra de Feuerbach, sem o qual não seria possível uma compreensão integral de seu pensamento, nem tampouco um entendimento sobre aquilo que é de mais característico na filosofia feuerbachiana: uma reconsideração do homem diante do mundo.

O filósofo de Landshut se volta então contra a tradição filosófica de seu tempo, que via no homem um ser de essência determinada por uma realidade metafísica, exterior. O objetivo de Feuerbach é uma crítica tanto à filosofia especulativa quanto à teologia. Não seria o homem, segundo a tradição metafísica, por exemplo, um ser completamente autônomo, independente. Fica explícita essa ideia quando se defronta com a tradição cristã, que é na verdade, um dos pontos de partida de Feuerbach na obra citada a pouco. Segundo essa concepção religiosa, o homem é considerado como um ser “causado” por uma essência superior que está para além de si, que lhe determina.

O que ocorre na filosofia idealista é semelhante a isto, uma vez que, segundo o idealismo hegeliano, por exemplo, o homem é por si mesmo a manifestação de uma essência superior (o espírito absoluto), que lhe é anterior, de modo independente e necessário. Assim,

Dividir o homem, cindi-lo em seu existir, foi a tarefa da tradição filosófica, que negou a sensibilidade. Esta filosofia, chamada de idealismo, em sua busca de uma essência infinita, esqueceu-se do homem. Este foi, por um processo de exteriorização de sua essência, isto é, daquilo que o faz humano, negligenciado (SILVA, 2011, p. 106).

Ora, é neste ponto que reside a crítica de Feuerbach ao idealismo, quando é identificado pelo autor nessa filosofia a consideração do homem como um ser

secundário, determinado por forças alheias e, por assim dizer, não naturais. Feuerbach identifica, dessa maneira, a filosofia idealista com a teologia (como uma especulação, ou seja, uma racionalização sobre o absoluto). Diz-nos o autor:

Assim como a teologia cinde e aliena o homem para, em seguida, de novo com ele identificar sua essência alienada, assim Hegel multiplica e cinde a essência simples, idêntica a si, da natureza do homem para, em seguida, de novo reconciliar à força o que fora violentamente separado (FEUERBACH, 1988, p. 21).

Reside neste ponto de crítica ao cristianismo e ao idealismo a inovação de Feuerbach frente à tradição de seu tempo: a consideração do ser humano como algo livre de fundamentos metafísicos, sendo a humanidade em si mesma possuidora de sua própria existência, considerando-se que o existir seja marcado pelo mundo “real”, o mundo da matéria. A consideração do pensamento idealista como uma esfera “negadora” do homem real, isto é, material, determinado pelo sensível, se dá na medida em que este pensamento é identificado com a religião cristã, quando é percebido, nessa última, a desconsideração, ou melhor, o afastamento da sensibilidade (formadora da própria natureza humana). Isso se dá mediante a contemplação de um ser, que, segundo Feuerbach é apenas imaginário, desconhecido, distante à realidade propriamente humana, à sensibilidade.

A fim de nos depararmos com a crítica elaborada por Feuerbach, cabe esclarecer num primeiro momento que a religião é entendida pelo mesmo como uma propriedade específica do homem e que representa a sua consciência, ou melhor, a consciência de seus atributos essenciais. Não é presente neste autor uma tentativa de destruir a religião, nem tampouco afirmar simplesmente que Deus e o nada são a mesma coisa. A principal meta de Feuerbach apresentada aqui é esclarecer a verdadeira essência da religião, ou seja, demonstrar que a atividade religiosa é uma atividade essencial, íntima e característica do homem, que concebe um Deus possuidor de objetividade, quando na verdade possui este uma natureza não transcendente, mas imanente ao homem, ou, melhor dizendo, uma natureza humana, portanto

Convém reter que Feuerbach não nega a religião, nem o papel salutar e mesmo imprescindível que ela desempenha na evolução do homem. Muito pelo contrário, a religião representa a objetivação do coração do homem, e, sem o coração, sem o amor, o homem não vai longe (ALEIXO, 2009, p. 7).

A natureza consciente do homem é religiosa, sendo a religião, a diferença determinante entre o homem e o animal: “A religião se baseia na diferença essencial

entre o homem e o animal — o animal não tem religião” (FEUERBACH, 1997, p. 43). Temos a explicação para essa ideia no seguinte: a consciência possuída pelo homem se diferencia da consciência animal pelo fato de que a primeira é consciência de sua própria essência, ou seja, a consciência presente nos homens é a consciência de suas qualidades. Esta é a principal diferença entre as formas de consciência, uma vez que os animais possuem um entendimento de si mesmos através das sensações, e que, portanto, não seria essa forma de consciência (a sensitiva), a diferença fundamental entre homem e animal.

A consciência particularmente humana é aquela que se refere ou que alcança a visão do gênero, ou seja, que não se limita a conceber-se apenas como indivíduo sensorial, apresentando outras atividades que ultrapassam, por assim dizer, a dimensão propriamente sensitiva e contemplando o gênero, o universal. A própria religião cristã tem o seu ponto de apoio formado na visão do gênero. “Assim, o cristianismo identifica o individual com o gênero, a essência particular com a universal, porque nele o conceito de Deus coincide com o conceito de humanidade” (CHAGAS, 2004, p. 87).

Isso nos mostra a identificação que há no pensamento Feuerbachiano da essência humana (formada pela razão, pela vontade e pelo coração) com a capacidade de contemplação do infinito, do absoluto. Ou melhor, apresenta-se aqui a coincidência da capacidade de abstração com a atividade religiosa, na medida em que a religião se faz exatamente como o contemplar do infinito, do ilimitado, e acaba levando o homem a uma superação daquilo que é propriamente material, sendo este contemplar do infinito, uma atividade humana por excelência. Temos a natureza humana como uma dimensão capaz de atingir o infinito, o que atesta a infinitude desta natureza. Para o filósofo:

a religião é a consciência do infinito; assim, não é e não pode ser nada mais que a consciência que o homem tem da sua essência não finita, não limitada, mas infinita. Um ser realmente finito não possui a mínima ideia, e muito menos consciência, do que seja um ser infinito, porque a limitação do ser é também a limitação da consciência (FEUERBACH, 1997, p. 44).

Dada de maneira geral a definição da especificidade do homem referente à sua caracterização como um ser de natureza religiosa, cabe agora definir com mais exatidão o que seria essa essência ou natureza humana, suas propriedades através das quais o ser humano se efetiva enquanto tal. Para responder de modo a apresentar de maneira mais detalhada os dados que constituem o cerne, isto é, o princípio da atividade humana,

Feuerbach define especificamente a essência do homem se utilizando de três dimensões, construtoras do homem. São elas: a razão, a vontade e o coração, que resumem de maneira geral toda a possibilidade das atuações humanas.

O homem é concebido essencialmente como um todo que, para ser completo, necessita ser formado pelas três dimensões supracitadas, sendo elas reciprocamente ativas e complementares, de modo que o indivíduo só poderá ser inteiro se possuí-las, já que a sua própria existência é intimamente definida por essas categorias determinantes, constituindo elas a própria finalidade do existir do homem, pois “O homem existe para conhecer, para amar e para querer” (FEUERBACH, 1997, p. 45).

O homem somente se realiza se exercer ou for, por assim dizer, determinado, dominado por essas faculdades constituidoras de sua ação, enquanto ser de consciência, de sentimentos e de ação. Saber, amar e querer: estas são as próprias definições da natureza humana. Dessa maneira não é o homem possuidor do amor, da razão ou da vontade, mas determinado e efetivado através destes. Não é o homem dotado de uma essência finita e preenchida por essas dimensões, mas antes, são essas mesmas dimensões a própria natureza infinita do homem, que nada mais é do que a realização da razão, da vontade e do amor, ou então, a realização de sua própria essência que o eleva à condição de ser universal.

Segundo Feuerbach, quando se ama, é o amor que possui o homem, e não o contrário, pois a atividade de amar é superior ao homem e o transcende enquanto um simples indivíduo, dado que amar é uma atividade de seu gênero. O mesmo ocorre com as faculdades de conhecer e de querer: quando se tem um homem submetido à reflexões tornando-se envolvido pelo poder do pensamento, concebe-se, de acordo com Feuerbach, que não é esse homem possuidor da razão, mas antes, assimilado por ela, não a dominando, todavia, sendo dominado por algo que o eleva a uma condição universal; e, de maneira semelhante, quando se age sob uma vontade, é manifestada ali, a energia do caráter que se apresenta no homem de modo a determiná-lo enquanto sujeito de ação. Feuerbach apresenta:

Mas qual é então a essência do homem, da qual ele é consciente, ou o que realiza o gênero, a própria humanidade do homem? A razão, a vontade, o coração. Um homem completo possui a força do pensamento, a força da vontade e a força do coração. A força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração é o amor. Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a

essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade da sua existência (FEUERBACH, 1997, p. 44-45).

Temos na atividade dessas faculdades, a realização do gênero, a realização daquilo que constitui a qualidade essencial, isto é, distintiva e definidora da humanidade. As atividades da razão, do amor e da vontade transcendem ao homem porque lhe ultrapassam em suas condições individuais, chegando a um âmbito universal, isto é, a uma dimensão pertencente à sua espécie. Quando se tem uma atividade racional, por exemplo, acaba esta por alcançar uma objetividade que o sujeito sozinho não alcançaria. Isso se dá, como em outros casos, quando ocorre a atuação científica, que permite a elaboração de um conhecimento que ultrapassa o simples indivíduo, possuindo um caráter de universalidade, ou quando se parte de uma descoberta realizada no passado para construir uma teoria no presente que será, num processo contínuo, base para uma atuação científica (ou seja, racional) posteriormente. Transcende-se, nesse sentido, a limitação temporal do homem isolado, as suas condições particulares.

Somos levados, por essa via, a reconhecer que o gênero, ou seja, as características próprias da humanidade, ultrapassam o indivíduo, transcendendo inclusive os limites impostos pela finitude do homem isolado. Dessa maneira, aquilo de que o indivíduo toma consciência por meio da representação religiosa (Deus), que na verdade é o próprio gênero sob a forma de uma imagem divina, é ele mesmo, possuidor de onipresença, onipotência e onisciência. Feuerbach entende a onisciência, por exemplo, como uma característica não do indivíduo, mas da sua espécie, da totalidade dos indivíduos. Quando um homem sozinho é limitado exatamente por ser particular, por não poder atingir uma instância ampla, maior do que ele mesmo, temos aí uma incapacidade do indivíduo propriamente dito, “mas o que o homem isolado não sabe nem pode, sabem-no e podem os homens em conjunto. Assim, o saber divino que conhece ao mesmo tempo todas as singularidades tem sua realidade no saber da espécie” (FEUERBACH, 1988 p. 49). A onisciência se realiza então de modo concreto e efetivo na atividade da razão, que é o fator que permite atribuir a Deus um saber ilimitado. Assim,

A ciência contou as estrelas do céu, os ovos nos corpos dos peixes e das borboletas, os pontos nas asas dos insetos para distinguir uns dos outros; (...) Temos, pois, aqui um exemplo concreto da verdade de que a representação humana de Deus é a representação que um indivíduo humano para si faz do

seu gênero, de que Deus, enquanto totalidade de todas as realidades e perfeições, nada mais é do que a totalidade sinopticamente compendiada para uso do indivíduo limitado, das propriedades do gênero repartidas entre os homens e que se realizam no decurso da história mundial (FEUERBACH, 1988, p. 49).

O gênero possui então a onisciência, na medida em que os homens podem em conjunto aquilo que não podem individualmente, possui a onipotência, enquanto sabem os homens em conjunto aquilo que é impossível a um só, e, do mesmo modo, possui a humanidade, a onipresença, quando se faz o conjunto dos homens como um todo presente e dominador dos mais diversos lugares que um indivíduo sozinho jamais conseguiria habitar.

Um ponto imprescindível no pensamento de Feuerbach a esse respeito é a restrita importância das relações existentes entre o homem, considerado um ser de interações com o mundo, e os objetos com os quais aquele (homem) exerce tais interações. O autor explicita que “o homem nada é sem objeto” (FEUERBACH, 1997, p. 46), sendo que o objeto representa para o homem, na verdade, a sua própria percepção, na medida em que, ao se relacionar com um objeto, estabelece uma relação com a maneira particular e exclusiva através da qual esse objeto o é representado.

Para ilustrar tal pensamento, Feuerbach exemplifica que o Sol se faz objeto para todos os planetas que o rodeiam, enquanto esses planetas são tocados pela amplitude desse astro. Mas o Sol que se apresenta para determinados planetas não é o mesmo Sol que se apresenta para a Terra, tendo que o Sol existente para a terra é somente aquele, enquanto, e na medida em que aparece para ela sob aquela forma exclusiva. A Terra teria “um sol para si”, sendo, por isso, que a relação estabelecida entre a terra e o Sol é uma relação dela com sua própria forma de “recepção”.

Da mesma maneira, o homem, ao se relacionar com um objeto, está diante da sua representação específica, de algo que lhe é próprio, uma vez que os objetos são definitivos para se chegar a uma compreensão verdadeira da real natureza do homem, ou seja, por meio do objeto se conhece o sujeito. Podemos identificar aqui uma contraposição à filosofia especulativa apresentada pela compreensão do homem por meio de seus objetos, ao passo que de acordo com o idealismo, o objeto é compreendido a partir do sujeito.

Essa ideia possui grande importância no desenvolvimento filosófico estruturado por Feuerbach no que concerne à identificação de Deus como imagem ou retrato humano. Dito de outra forma, já é possível aqui, numa análise cuidadosa, enxergar a noção do divino apresentada pelo autor como algo que é interno ao homem, dele próprio, e não exterior a ele. Isso se dá quando considerado que, contemplando alguma coisa que lhe é exterior, à qual esse (o homem) atribui uma série de referências e caracteres divinos, o ser humano relaciona-se com um objeto, constituindo, portanto, uma relação entre sujeito e objeto, onde é possível determinar que tal sujeito relaciona-se com algo que lhe é próprio.

Essa definição do sujeito por meio do objeto se realiza de modo muito mais consistente quando o homem possui diante de si o objeto religioso, pois, na relação com o objeto divino, tem o homem uma proximidade, ou melhor, uma unidade com tal objeto, visto que ao se relacionar com o divino, relaciona-se com o objeto mais íntimo, com a própria consciência, então:

Na relação com os objetos sensoriais é a consciência do objeto facilmente discernível da consciência de si mesmo; mas no objeto religioso a consciência coincide imediatamente com a consciência de si mesmo. O objeto sensorial está fora do homem, objeto religioso está nele, é mesmo íntimo (por isso um objeto que não o abandona como não o abandonam a sua consciência de si mesmo e a sua consciência moral), é na verdade o mais íntimo, o mais próximo (FEUERBACH, 1997, p. 55).

Apresentado então o objeto religioso como o mais íntimo, mais profundo ao homem, pode-se entender o seguinte: o fato de ser Deus (constituído por caracteres sublimes e perfeitos) um objeto para o homem religioso – na medida em que há uma relação, no âmbito da religião, do homem com o seu Deus – evidência que o homem já traz em si mesmo essas feições, ou seja, é possuidor do sublime, do infinito e do perfeito, tendo, portanto, a divindade, ou seja, a infinitude e a perfeição em si mesmo.

Para Feuerbach, se conseguimos pensar o infinito, não é porque simplesmente alcançamos esse infinito; de maneira semelhante, se sentimos o infinito, não ocorre aí um simples contato ou aproximação desse infinito através do sentimento, como se o infinito fosse algo distinto de nós mesmos, presente numa esfera distante e independente. Ao contrário, o infinito está contido no âmago do homem, constituindo sua natureza, e é exatamente enquanto seres dotados essencialmente desse infinito, que podemos concebê-lo de alguma maneira.

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 106-128
--------------	-------	------	-----------------------	------------

Em ambos os casos, portanto, ao pensar ou sentir o infinito, não o fazemos como se este pertencesse a alguma dimensão distinta de nós mesmos, mas, ao contrário, confirmamos com isso a infinitude das faculdades de sentir e de pensar, contemplamos na verdade o infinito que faz parte de nós. Ao contemplar ou “sentir” o infinito, sejam quais forem os meios utilizados para tal, confirmamos a infinitude desses meios, e visto que tais meios (como o sentimento e o pensamento) estão presentes no homem de forma inseparável, pode-se concluir que a natureza humana possui atributos infinitos, ou melhor, é em si mesma infinita. Em Feuerbach o infinito não se separa do finito, a infinitude se apresenta na própria materialidade. “O infinito é a verdadeira essência do finito – o finito verdadeiro” (FEUERBACH, 1988 p. 25).

A concepção de infinito que se estabelece seja na religião ou na filosofia especulativa é na verdade uma concepção de finito. O finito é tido por infinito independente, abstraído do mundo, por meio de um pensamento distorcido que não reconhece o verdadeiro significado daquilo que é limitado, da matéria, do natural. Portanto “o infinito da religião e da filosofia é e nunca foi mais do que algo de finito, determinado, mas mistificado, isto é, um ser finito e determinado, com o postulado de nada ser de finito, de determinado” (FEUERBACH, 1988, p. 25).

Para Feuerbach, as qualidades essenciais do homem não possuem um objeto externo e distinto de si mesmas, mas são, antes, objetos para si mesmas. Quando se pensa o absoluto, o indeterminado, por exemplo, a razão está na verdade disposta diante de si, de seu caráter não limitado, universal: o objeto exclusivo da razão é ela própria entendida para si. O mesmo ocorre com o sentimento, e não só com ele, mas com as demais formas de atuação do gênero. Apresenta Feuerbach que aquele que não é possuidor de sensibilidade para a música, por exemplo, não será tocado de forma alguma por ela, sendo na verdade que só se tem esse efeito – ocasionado pelas coisas, por assim dizer, exteriores – num sujeito quando se tem algo de semelhante nesse mesmo sujeito, isto é, interior a ele. Dito de outra forma, esse efeito que liga o indivíduo àquilo que lhe parece exterior, torna-se possível porquanto for existente algo da mesma natureza no indivíduo.

Por conseguinte, tal efeito é a união harmoniosa de duas instâncias que na verdade são de uma mesma natureza e se encontram num processo de unidade, se é que podemos compreender assim. O autor defende, com relação às consequências dos sons,

por exemplo, que quando o som nos toca, somos dominados por nossa própria interioridade. Diz Feuerbach: “O que te domina quando o som te domina? Que ouves neles? O que mais a não ser a voz do teu próprio coração?” (FEUERBACH, 1997, p. 50).

Feuerbach desenvolve uma análise da religião cristã, considerando esta como uma forma bem elaborada de coincidência (isto é, de identificação) do homem com Deus, na medida em que o Deus cristão é concebido através de qualidades que são propriamente humanas. Possui o Deus cristão um forte amor, que se faz visível, quando, por exemplo, é apresentado na figura de um crucificado que sofre das mais variadas formas em função da salvação da humanidade pecadora, ou seja, movido única e essencialmente pelo amor que sente pelos homens. Esse Deus, Cristo, revela-se misericordioso sempre que é colocado diante de um pecador que, como tal, é carente de perdão; revela-se fraco, quando pede ao Pai que o livre de seu sofrimento: ele é, na verdade a confissão da fraqueza que permeia a vida e o coração humano.

Um Deus que é homem, que vivencia o sofrimento, a materialidade, a existência sensitiva, é a evidência de que o divino é em verdade, humano, e que ambos (divino e humano) são verdadeiramente possuidores de uma essência comum, isto é, a mesma coisa. A imagem do divino nos apresenta todas as características que constituem o homem por excelência e, por isso não é mais do que um conjunto de antropomorfismos. De acordo com Feuerbach:

A religião cristã é tão pouco sobre-humana que ela própria consagra a fraqueza humana. Enquanto o filósofo pagão, até mesmo com a notícia da morte do filho, exclama: sabia que gerei um mortal; derrama o cristianismo (pelo menos o bíblico, pois do Cristo pré - ou não bíblico nada sabemos) lágrimas pela morte de Lázaro — uma morte que é verdade era apenas aparente. Enquanto Sócrates, impassivamente, esvazia a taça de veneno, exclama Cristo “se for possível, que se passe este cálice”. Cristo é nesse sentido a confissão da fraqueza humana. (FEUERBACH, 1997, p. 104)

Antropomorfismos aqui não são simples características falsas ou supérfluas que são projetadas na imagem de Deus, tornando-o um ser aparentemente real. Ao contrário, devemos entender os antropomorfismos como uma objetivação da intimidade de um homem que exclama a Deus por perdão, mediante sua situação terrena de pecado, sofrimento e limitação, e vê nesse Deus as suas próprias características (mesmo sem se dar conta de que são simples e unicamente suas). Acaba ele, portanto, criando o próprio Deus como sua imagem e semelhança. Então não é tal homem, como ele mesmo se

concebe, a imagem e semelhança de Deus, ou seu simples efeito; é o homem verdadeiramente a causa. De acordo com Chagas (2004, p. 95):

Partindo dessa ponderação, a saber, que os predicados atribuídos a Deus, como onipotência, onisciência, onipresença, justiça, amor, bondade, são conceitos do gênero humano, puramente antropomorfismos, Feuerbach quer superar não só a discórdia, ou seja, a oposição entre Deus e o homem, mas também a causa desta cisão entre ambos, isto é, a teologia mesma.

Entende-se o projeto antropológico de Feuerbach, especialmente em face da concepção do ser divino e absoluto como reprodução humana. É possível entender que o homem é essencialmente um ser integral, completo. Diz-se aqui completo no sentido de não ser dividido entre o céu e a terra, de não negar ou abstrair-se de sua existência material, um homem não dependente de um ser que é desprezado da sensibilidade, que não se submete à natureza. É visto um projeto antropológico em Feuerbach, quando se defronta com a elevação do homem sensível, dotado de uma materialidade característica, inseparável, em detrimento de uma figura que lhe é estranha, como se apresenta na especulação idealista ou na teologia. É necessária uma reconsideração, pois, na verdade o homem é a causa, Deus, o efeito.

A tese sob a qual é entendido que a existência de um ser divino se dá somente como um efeito humano, ou seja, que Deus existe somente enquanto uma projeção do próprio homem se evidencia na concepção feuerbachiana das relações entre sujeito e predicado, entre o sujeito possuidor de atributos e os próprios atributos.

Em Feuerbach, a negação do sujeito divino é tida como ateísmo (quando é o caso de lhe negar a existência), mas a mesma consideração não ocorre com a negação dos predicados, na medida em que posso negar a Deus determinados atributos, sem negar necessariamente, para isso, a sua existência enquanto sujeito. Ora, mas qual é o sujeito que tem a sua realidade efetiva sem a presença de atributos (predicados)? Isso é, segundo o autor, inconcebível, visto que um sujeito não possuidor de qualidades não traz também consigo nenhum efeito. Isso é o caso, por exemplo, de determinado objeto que não possui nenhuma qualidade, perdendo com isso a propriedade que o faz ser percebido, que o faz possuir um efeito. Decorre daí que esse sujeito não possui uma existência efetiva. Com isso, Feuerbach quer demonstrar que negar atributos à Deus (bondade, sabedoria entre outros) ou duvidar da existência dos mesmos significa

exatamente colocar também em dúvida a objetividade do próprio Deus, uma vez que o divino depende dos predicados a ele atribuídos.

O cristianismo afirma como atributo essencial da divindade o sentimento, na medida em que Cristo (o próprio Deus), com toda a sua história de vida terrena, o representou com muita propriedade. Da mesma forma, temos a misericórdia como manifestação de Deus na figura de Cristo, como uma das qualidades essenciais deste. Aqui, na compreensão de Deus enquanto um ser de sentimento, reside um ponto fundamental:

Como poderias perceber a divindade através do sentimento se o sentimento não fosse por si mesmo de natureza divina? O divino só pode ser conhecido pelo divino, 'Deus só pode ser conhecido por si mesmo'. A essência divina que o sentimento percebe é em verdade apenas a essência do sentimento arrebatada e encantada consigo mesma – o sentimento embriagado de amor e felicidade (FEUERBACH, 1997, p. 51).

Ao concebermos um Deus sentimental, o sentimento que habita em nós está apenas comunicando-se consigo mesmo. Da mesma forma que o indivíduo sem a música no seu interior não se sensibilizará ao ouvir uma melodia, seria impossível ao homem, enquanto um ser dotado de sentimento, de amor e pensamento, conceber um Deus sem coração ou ainda um Deus desprovido de razão, insano. Um Deus não sentimental não seria percebido e adorado por um homem repleto de sentimentos, um homem que sofre com as mazelas de sua existência material.

A figura de um Deus-homem (Cristo) nada é senão a própria confissão da humanidade de Deus, ou melhor, da divindade do homem, com seus sofrimentos, angústias e medos, na medida em que aquilo que faz parte da vida sentimental, interior do homem, faz igualmente parte da personalidade divina, da existência mundana de Deus.

Deus não é somente a projeção do sentimento, mas é também a projeção da razão. A razão passa a ser objeto para si mesma na medida em que se concebe um Deus racional, ou seja, a razão comunica-se consigo quando se pensa a racionalidade divina. Da mesma maneira que não é frio, sem sentimentos o Deus de um homem que tem o sentimento em seu cerne, não pode existir um Deus estranho à razão para um homem racional. Se Deus é a objetivação das qualidades essenciais do homem, razão, vontade e coração, fica então evidente e justificada a compreensão, ou melhor, a devoção a um

Deus que tem como natureza o sentimento, a ação moral e a racionalidade. Ou, do contrário, se é impossível acreditar num Deus desprovido desses atributos é devido ao fato de ser este a projeção daquilo do que a humanidade (isto é, o gênero) é constituída, ou seja, as faculdades que fundamentam o próprio indivíduo.

A atividade da razão é sem dúvida alguma, para o autor, a mais incompreensível, a mais difícil de definir, de mensurar, do mesmo modo que parece a atividade divina algo de difícil compreensão. É identificada, nesse sentido, a incompreensibilidade de Deus com a incompreensibilidade da atividade do pensamento. Para Feuerbach, é um Deus racional a própria atividade da razão, a consideração dela perante ela mesma. É a figura de Deus, enquanto um ser de razão absoluta e inabalável, a absolutização da razão para si mesma, é a contemplação que a razão estabelece de sua infinitude, de sua incompreensibilidade, de seu caráter absoluto.

Deus como um ser metafísico é a inteligência realizada em si mesma, ou inversamente: a inteligência realizada em si, que se pensa como um ser absoluto, é Deus como um ser metafísico. Todas as qualidades metafísicas de Deus são então qualidades reais, uma vez que são reconhecidas como qualidades do pensamento, da Inteligência (FEUERBACH, 1997, p. 80).

As qualidades abstratas de Deus são reais na medida em que são realizações da livre atividade do pensamento. Os caracteres imateriais, não ligados propriamente à sensibilidade, isto é, afastados de certo modo das características sensíveis, tem sua realidade retirada do fato de que o próprio pensamento, que constitui a feição abstrata de Deus, os possuir, ou seja, a inteligência (humana por excelência) constitui a realidade pensante e, enquanto tal, incompreensível da divindade, de modo que o metafísico constitui-se efetivamente, na abstração do pensamento.

A CRÍTICA À RELIGIÃO COMO CONDIÇÃO PARA O RESGATE DO HOMEM SENSÍVEL

Ao retornarmos à definição primeira de religião, a saber, a de fator distintivo entre homem e animal, como consciência que o homem possui de seu gênero, percebe-se que há uma consideração positiva até então. Nesse sentido específico, a religião não seria primeiramente alvo de crítica, visto que constituiria, nesse caso, simplesmente uma visão verdadeira do homem sobre sua própria singularidade frente aos outros seres da natureza, ou melhor, sobre aquilo que lhe constitui enquanto homem, do seu gênero.

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 106-128
--------------	-------	------	-----------------------	------------

Surge então o problema: na medida em que o homem concebe um Deus exterior, distante (enquanto possuidor de uma subjetividade própria), torna-se adorador de um ser absoluto e desprendido do mundo, passando então a alienar-se de si mesmo, sendo levado à impossibilidade da própria compreensão, longe de entender que a natureza divina e a humana coincidem, constituem uma só.

Mas ao ser a religião, a consciência de Deus, definida como a consciência que o homem tem de si mesmo, não deve ser aqui entendido como se o homem religioso fosse diretamente consciente de si, que a sua consciência de Deus é a consciência que tem da sua própria essência, porque a falta da consciência deste fato é exatamente o que funda a essência peculiar da religião. Para sanar este mal-entendido é melhor dizer: a religião é a consciência primeira e indireta que o homem tem de si mesmo (FEUERBACH, 1997, p. 56).

Esse fato constitui o problema de Feuerbach no que se refere à religião, ou seja, ela é apoiada sobre uma base constituída pela alienação do homem. Em outros termos, é a distância que separa o homem de seu sentido original, verdadeiro, o fator sobre o qual se edifica a religião, pois o homem religioso não se dá conta de sua condição, não percebe que suas preces e reverências são na verdade direcionadas a um ser que tem a sua existência subjetiva apenas como o imaginário, o abstrato vazio, sem conteúdo.

Uma das grandes contribuições de Feuerbach para a concepção de Deus enquanto “extensão” humana é a descoberta de uma essência infinita no homem. Essência esta que se relaciona consigo mesma, que ouve a própria voz, que transcende o indivíduo quando percebe a manifestação de si mesma como se fosse de uma outra, ou seja, passa a voltar-se para si enquanto dimensão distinta, separada, essência essa marcada por atividades divinas que transcendem o sujeito isolado e o levam para uma posição de se conceber, ainda que inconscientemente, como um ser absoluto, magnífico, universal, isto é, de contemplar sua própria divindade.

Enquanto ocorre essa relação do homem com sua própria natureza, como se fosse outra natureza, ocorre imediatamente uma ruptura do homem consigo mesmo. Isso se dá propriamente no plano da religião, quando Deus é tido, de modo ilusório, como um sujeito, de modo que:

A religião é a cisão do homem consigo mesmo. Ela é a objetivação da sua essência secreta. A prova disto é que só se pode cindir aquilo que é uno (o homem é ruim, Deus, bom; o homem mortal, Deus imortal; o homem finto, limitado, Deus, infinito e ilimitado) no entanto, só ocorre a cisão de algo que identifica consigo mesmo, ou seja, do homem com sua própria essência (FEUERBACH, 1997, p. 77).

Temos que o homem, segundo Feuerbach, não é um ser meramente determinado por outro ser, por um (alguns) sujeito(s) a ele exterior(es), mas, ao contrário, é o homem propriamente um ser determinante desse(s) sujeito(s), seja no caso da filosofia especulativa ou da teologia, seja no caso das religiões monoteístas ou politeístas. De um modo ou de outro, qualquer representação divina, ou melhor, qualquer imagem mística possuidora de personalidade com a qual o homem num sentido geral pode estabelecer relações, será simplesmente ilusória, no sentido de serem, essas relações entre humano e divino em conjunto, uma religação de uma natureza, de uma essência que se separa, ou melhor, se divide toda vez que tem diante de si uma divindade (que na verdade é a própria essência disposta para si mesma).

Voltamos ao fato de Feuerbach se posicionar aqui não só contrário à religião (enquanto especulação sobre um ser isolado do mundo, isto é, enquanto teologia) no seu sentido estrito, mas também à filosofia idealista que, assim como a atividade religiosa, acaba por dividir aquilo que é uno. Em outras palavras, o autor estabelece junto à crítica feita à religião, uma feroz negação à interpretação essencialmente abstrata do homem dada pela filosofia de seu tempo, isto é, uma vista do homem como um ser determinado por uma realidade absoluta e longe do âmbito sensível, do qual constitui o homem uma parte inseparável e sem o qual não se pode conceber a humanidade. Sobre a consideração puramente abstrata do homem, se posiciona o autor esclarecendo que

abstrair significa pôr a essência da natureza fora da natureza, a essência do homem fora do homem, a essência do pensamento fora do ato de pensar. Ao fundar todo o seu sistema nesses atos, a filosofia hegeliana [idealista] alienou o homem de si mesmo [...] à filosofia hegeliana [idealista] falta a unidade imediata, a certeza imediata, a verdade imediata (FEUERBACH, 1988, p. 22).

Feuerbach se apresenta, portanto, como um pensador que parte do real para compreender o homem em sua integridade, por isso enfatiza:

Em geral condeno incondicionalmente qualquer especulação absoluta, imaterial, auto-suficiente — a especulação que tira a sua matéria de si mesma. Sou astronomicamente diferente dos filósofos que arrancam os olhos da cabeça para poderem pensar melhor; eu, para pensar, necessito dos sentidos, mas acima de todos, dos olhos, fundamento minhas ideias sobre materiais que podemos buscar sempre através da atividade dos sentidos, não produzo coisas a partir do pensamento, mas inversamente os pensamentos a partir das coisas, mas coisa é somente o que existe fora da cabeça (FEUERBACH, 1997, p. 27).

Não é possível, portanto, compreender o homem de maneira integral quando não se tem em vista a sensibilidade. O homem não é em si um ser isolado daquilo que é material, mas um ser do mundo, dotado e determinado pela atividade que parte da realidade concreta. É desse modo que se desenvolve a crítica empregada por Feuerbach à religião e à filosofia especulativa de modo geral: quando se “idealiza” o homem, isto é, quando este é considerado sem o mundo, como puro pensamento, ou ainda, como pura essência, como faz a religião, inconscientemente, projetando em Deus (que é o próprio homem), um ser distinto, passa a surgir, concomitantemente, uma real alienação do homem, o ser real.

O homem é na filosofia feuerbachiana, um ser que determina o divino, ou melhor, é o homem um ser efetivamente divino, mas um ser que surge da matéria, que é determinado pela natureza, pela atividade dos sentidos: “assim, a filosofia tem que ser uma filosofia comprometida com o homem enquanto categoria prática, pondo definitivamente de lado todas as especulações idealistas” (ALEIXO, 2009, p. 5).

É necessária uma nova análise do homem que se distancie da imagem apresentada até então por uma filosofia, por uma forma de religião (seja a religião pagã, seja a cristã) ou, de uma maneira geral, por uma ótica ideal incapaz de conceber o homem de maneira verdadeira. Para Feuerbach

A filosofia nova considera e aborda o ser, tal com é para nós, enquanto seres não só pensantes, mas também realmente existentes – por conseguinte, o ser enquanto objeto do ser – como objeto de si mesmo. O ser enquanto objeto do ser – e somente este ser é o ser e merece o Nome de ser – é o ser dos sentidos, da intuição, da sensação, do amor (FEUERBACH, 1988, p. 80).

A nova consideração do homem é pressuposto para que este possa ser realizado em si mesmo. Deve o homem ser realizado mediante uma consideração de si, enquanto responsável por sua própria atuação, um homem unificado. A religião distancia o homem desse sentido especial, verdadeiro. A religião como especulação idealista, como teologia, desconsidera o homem como ele realmente é, e isso se dá naquilo que é de mais singular no pensamento religioso: a contemplação de um Deus distinto do homem.

Diante disto, não podemos considerar uma compreensão adequada do homem aquela que o separa de si mesmo. E se temos que a religião exerce tal efeito de cisão, temos que esse homem, enquanto portador de uma concepção religiosa de si mesmo, não pode se conhecer verdadeiramente. A religião deve então ser repensada, ou ainda,

deve-se repensar o homem no sentido de buscar conhecê-lo verdadeiramente e devolvê-lo o mérito que o pensamento dualístico e absoluto lhe tirou através da atuação da religião e da filosofia especulativa. Deverá surgir, portanto, um novo homem, que doravante se reconhecerá em sua efetividade: “A realidade é agora inscrita pelos homens em organização, a modernidade suplantou o Deus que supria as necessidades humanas, seus atributos agora são reconhecidos na diversidade e pluralidade da organização social” (SILVA, 2011, p. 112).

Os homens em organização são capazes de proezas que jamais realizaria um indivíduo sozinho, isolado. O gênero é formado justamente pelas atividades ou faculdades conferidas a Deus, como a onisciência e onipotência, por exemplo. Deve agora existir uma nova concepção de gênero, isto é, uma nova consideração daquilo que a humanidade é enquanto conjunto de sujeitos reais, sensíveis, efetivos.

Feuerbach demonstra uma preocupação política. Defende que a relação dos homens em comunidade na existência do Estado é uma contraposição prática à religião. Enquanto na religião temos Deus como um grande governante de todos os homens, um regente universal, do qual a humanidade está dependente, temos por outro lado, na organização Estatal a oposição a essa crença num “senhor da monarquia mundial”, como diz Feuerbach. O Estado nasce da oposição prática ao pensamento religioso. A oposição realizada pelos homens em suas atividades coletivas:

Na explicação subjetiva do Estado, os homens reúnem-se pela simples razão de que não creem em Deus algum, porque negam inconscientemente, de modo instintivo e prático, a sua fé religiosa. Não é a fé em Deus, mas a desconfiança em Deus que funda os Estados. É a crença no homem como Deus do homem que explica subjetivamente a origem do Estado (FEUERBACH, 1988, p. 16-17).

O Estado entra aqui como a dimensão do reconhecimento concreto do gênero, como efetivação da descrença num ser abstraído do mundo, na confiança depositada pelos homens na atuação em comunidade. A organização social por meio da qual os homens direcionam suas ações conjuntas e regulam suas vidas é a efetividade do potencial dos mesmos em conjunto. No Estado, o homem revela-se, junto ao gênero, independente do ser absoluto. É na organização Estatal que o homem desvincula-se na prática desse ser imaginário cultivado pela teologia como fundamento de tudo. Para Feuerbach:

O Estado é a realidade, mas ao mesmo tempo também a refutação prática da fé religiosa. Mesmo nos nossos dias, o crente em aflição busca apenas ajuda no homem, contenta-se com “a bênção de Deus”, que deve estar em toda parte. Sem dúvida, o sucesso não depende de atividade humana, mas muitas vezes, acidentalmente, das circunstâncias favoráveis; a “bênção de deus” é apenas poeira nos olhos, com que a descrença crente dissimula o seu ateísmo prático (FEUERBACH, 1988, p. 17).

Feuerbach aponta o ateísmo como o fundamento da ação propriamente humana na confiança estabelecida entre os homens por meio da comunidade. É na vida em comunidade que o homem efetiva a sua “descrença crente”, contentando-se com a “bênção de Deus”, mas depositando sua real confiança, isto é, sua fé verdadeira, efetiva, na comunidade dos homens não absolutos, não abstratos, materiais, determinados pelo mundo, como se dá na atividade da ciência ou no campo jurídico, por exemplo, que, enquanto atividades da comunidade dos homens, acolhe e fortalece os indivíduos frente aos “obstáculos profanos” do cotidiano.

O fundamento do Estado, enquanto organização comunitária que envolve, como tal, as competências do gênero, reside no afastamento da pura abstração, na desconfiança não admitida ou mesmo inconsciente em um ser meramente imaterial, abstraído. Compreende-se que sem uma reconsideração da teologia (como especulação sobre o absoluto, o imutável, o transcendente) e da religião (como compreensão fragmentada que o homem possui de si mesmo), a humanidade caminharia sob a pena de não realizar-se, de não conhecer-se efetivamente, visto que para Feuerbach é presente e inegável a necessidade de uma nova ótica sob a qual o homem deve compreender a si mesmo. Desse modo, os homens reconhecerão as qualidades de seu gênero, dando a si mesmos o valor e mérito necessários.

Na supressão ou superação do pensamento teológico-especulativo, nasce uma nova época que se distingue principalmente pela reconsideração do homem, o reconhecimento de seu caráter sensível e a troca do paradigma ideal da humanidade pelo real. Junto à nova consideração do homem emerge uma nova filosofia, que transcende os limites e insuficiências da concepção abstrata do homem, de modo que:

As diferenças fundamentais da filosofia são diferenças fundamentais da humanidade. Para o lugar da fé, entrou a descrença; para o lugar da Bíblia, a razão; para o lugar da religião e da igreja, a política; a terra substituiu o céu, o trabalho substituiu a oração, a necessidade material, o inferno, o homem o cristão (FEUERBACH, 1988, p. 16).

A política se desenvolverá na medida em que houver uma nova ótica sobre a humanidade, quando for reconhecida a independência do gênero frente à subjetividade divina, ou melhor, do homem diante de Deus, sendo este último reconhecido na sua realidade, como essência humana. A partir da negação da teologia e da filosofia especulativa, a política deve assumir um papel central na atividade humana.

Devemos [...] tornar-nos novamente religiosos – a política deve tornar-se a nossa religião – mas ela só pode tornar-se tal se tivermos na nossa intuição um princípio supremo que consiga transformar a política em religião [...]. Esse princípio exposto negativamente é apenas o ateísmo, isto é, o abandono de um Deus distinto do homem. (FEUERBACH, 1988, p. 16).

Vemos a intenção de Feuerbach no que se refere à necessidade de uma supressão da religião para a libertação do homem. Só será possível uma libertação dos grilhões da alienação de si mesmo frente a um reconhecimento da essência humana. o ateísmo representa a desconsideração da divindade na reconsideração do homem frente ao mundo.

A qualidade naturalmente humana, isto é, do gênero, só se realizará na organização da comunidade dos homens. Destarte, uma efetivação da humanidade, para Feuerbach, possui como pressuposto a substituição da maneira ilusória (religião) de conceber o homem pela maneira real (política), que, para existir com pleno efeito, deve fundamentar-se na negação de um Deus pessoal, isto é, na afirmação verdadeira do homem sensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram apresentados alguns desenvolvimentos levados a cabo por Ludwig Feuerbach. Nota-se que o homem é naturalmente um ser religioso, que a religião constitui na figura de Deus a realização da consciência que aquele possui de seu gênero. No entanto, o homem não se torna conhecedor desse gênero, dessas qualidades essenciais, na medida em que o pensamento religioso, a crença num ser isolado do mundo lhe ofusca a visão não permitindo um real olhar desse homem sobre si mesmo.

O que temos ao observar a religião sob este ponto de vista, é que essa maneira abstrata ou idealista (como apresentam a teologia e a filosofia especulativa) deve ser superada para que o homem possa ser sujeito de si mesmo e do mundo, compreender-se

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 106-128
--------------	-------	------	-----------------------	------------

construtor e responsável pelas suas ações e pelos acontecimentos que o cercam, sem jamais colocar a responsabilidade de si e da sociedade sobre um ser totalmente abstrato, estranho ao mundo, um ser que é uma projeção humana por excelência.

A política, assim como a preocupação com o mundo e com a natureza devem estar em primeiro lugar, pois o homem, é um ser sensível, determinado, dependente da natureza, que é por si mesma, e que confere a ele a existência e sua manutenção. Ao se envolver nos laços do cristianismo, o homem tende a negar a fonte natural de sua vida, a sua origem. Cria ele um Deus na medida em que se depara com os limites que lhes são impostos pela existência mundana (como as enfermidades e a morte, por exemplo). Deus é a negação da natureza, a tentativa de superação da condição humana real, uma condição de finitude, de materialidade e de necessidade.

O homem projeta um Deus como reação ao sentimento de dependência, de finitude, coloca em Deus as suas vontades, as suas carências. O religioso (assim como o idealista) se distancia da realidade na contemplação de Deus, deixa de reconhecer a própria existência e de dar o devido valor ao mundo natural, real.

Cabe, pois, uma nova interpretação do homem, e neste ponto Feuerbach foi decisivo. Não podemos negar a natureza, a necessidade, a sensibilidade. Pelo contrário, somos fruto da sensibilidade e devemos compreender a existência a partir desta. Não se compreende o homem quando se permanece com uma ótica além do homem e do mundo, da natureza. Ao olhar para o céu imaginário e depositar nele todas as energias e esperanças, o homem esquece de si mesmo e do mundo que do qual é fruto, negligenciando a própria existência em prol do vazio, do incerto.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, Alice. Ludwig Feuerbach. Um manifesto antropológico. Covilhã: Lusosofia Press, 2009.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. O homem como imagem de Deus ou Deus como imagem do homem? In: OLINDA, Ercília Maria Braga De. (org.) In: Formação Humana: liberdade e historicidade. Fortaleza: Ed. UFC, 2004, p.86-105.

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 106-128
--------------	-------	------	-----------------------	------------

FEUERBACH, Ludwig. A essência do cristianismo. Trad. José da Silva Brandão. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1997.

_____. Preleções sobre a essência da religião. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. Princípios da filosofia do futuro e outros escritos. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. Necessidade de uma reforma da filosofia. In: Princípios da filosofia do futuro e outros escritos. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. Teses provisórias para a reforma da filosofia. In: Princípios da filosofia do futuro e outros escritos. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

REDYSON, Deyve e CHAGAS, Eduardo Ferreira (org). Ludwig Feuerbach: filosofia, religião e natureza. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2011.

SILVA, Ricardo George de Araújo. A recuperação do homem natural em Feuerbach ou para a crítica da filosofia especulativa. In: REDYSON, Deyve e CHAGAS, Eduardo F.(org). Ludwig Feuerbach: filosofia, religião e natureza. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2011, p. 103-114.

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 106-128
--------------	-------	------	-----------------------	------------